

E O MEDO NO ASFALTO

ERA A TURMA DA PIPOCA, FORMADA POR AQUELES QUE PULARAM E DANÇARAM DO OUTRO LADO DAS CORDAS QUE CERCAVAM AS BANDAS.

Vanderlei Pozzembom



Roubos e brigas provocaram muitas prisões e a polícia reagiu com truculência, tirando um pouco da alegria da festa

José Rezende Jr.
Da equipe do Correio

Poucas vezes o *apartheid* social teve uma forma tão concreta: uma longa corda esticada separando ricos e pobres. Do lado de dentro, o Plano Piloto e os Lagos Norte e Sul. Do lado de fora, os excluídos.

Dentro, a coreografia colorida dos blocos, com seguranças contratados para garantir a alegria de quem pagou quase quatro salários mínimos por uma mortalha. Do lado de fora, na *pipoca*, iam aqueles que precisariam trabalhar quase quatro meses para comprar uma mortalha. Gente que dançava entre a alegria, o desconforto, o medo da violência e a vontade insaciável de estar do outro lado da corda.

O baleiro Carlos Dias, 22 anos, que veio de ônibus do Gama, olhava com olhos gulosos para o lado de dentro, reclamando da dificuldade de vender sua mercadoria:

“Se me deixassem entrar um pouquinho, eu vendia tudo. Lá dentro só tem barão, não tem filho de gente besta não. O pessoal daqui de fora não tem grana nem pra comprar um chocolate”.

Mas no meio do caminho entre o baleiro e o sonho havia sempre uma corda, esticada por jovens que sonhavam igual, como Carlos Antônio de Souza, 18 anos, do Paranoá. *Cordeiro* do bloco Eva, Carlos ia do lado de dentro da corda que segurava, mas a anos-luz de distância dos felizes compradores da mortalha colorida.

“O que eu queria mesmo era largar essa corda e entrar de vez ali dentro”, confessava Carlos, que re-

cebeu R\$ 15,00 por cada uma das quatro noites de trabalho duro.

DOIS LADOS

Com um short cor de rosa, top de malha cinza e um balão amarelo nas mãos, Francisca Lima, 19 anos, moradora de Samambaia, dançava na *Pipoca* com o mesmo entusiasmo dos jovens uniformizados dos blocos. Mas, olhando para o número de pessoas do lado de dentro da corda, duvidava:

“Não é possível. Eles devem ter dado mortalha de graça. Quem é que pode pagar R\$ 400,00 por uma camiseta? Será que Brasília tem tanta gente rica assim?”.

O estudante Gleuber Rosa da Silva, 17 anos, viveu os dois lados da mesma *Micarecandanga*. Primeiro, Gleuber dançou com toda segurança no bloco *Uh Tererê*. Depois, emprestou sua mortalha para um amigo e foi, por alguns minutos, para a confusão da *pipoca*. Não foi uma boa troca.

“Eu tinha acabado de entrar na *pipoca*, quando me deram uma *banda*. Eu caí e ainda levei um chute”, contou.

O estudante saiu da aventura com um tornozelo torcido. Mas continuou dançando, com o pé enfaixado, igualzinho à amiga Brenda Boeschenstein, do Lago Norte, que também torceu o tornozelo. Numa circunstância bem menos traumática, porém:

“Eu corri pra pegar o boné que o Raul Gazzola jogou e pisei de mau jeito. Mas peguei o boné”, comemorava ela, dançando com um pé só.

Já o vigilante Aldemir Santos, 19 anos, morador do P Norte, e a secre-

tária Elza Santos, 21, de Luziânia, não queriam saber de dançar. Aldemir e Elza haviam acabado de se conhecer e já trocavam um dos beijos mais longos da *Micarecandanga*, sentados no asfalto da Esplanada dos Ministérios.

“Aqui fora é muito perigoso, a gente corre risco de ser roubado, espancado... Mas se eu não estivesse na *pipoca*, talvez não conhecesse essa gata”, sorria Aldemir.

BANHEIROS

A verdade é que tinha gente bonita dos dois lados da corda. Adolescentes de 13 anos caindo de bêbados, também. Mas segurança e carro de apoio com banheiro a bordo, só mesmo do lado de dentro. Fora, era a violência das gangues e da polícia e o mau-cheiro insuportável.

Qualquer lugar podia funcionar como banheiro. Até mesmo o espaço entre dois caminhões de lixo, no bem iluminado gramado central da Esplanada. Foi ali que duas jovens, meio bêbadas, decidiram fazer xixi na noite de sábado.

As duas acabaram descobertas pela platéia masculina, que aplaudia e gritava enquanto elas, calmas e sorridentes, terminavam o que haviam começado. À certa altura, porém, os espectadores decidiram interagir com o espetáculo e tentaram arrancar o resto das roupas das moças.

“Estupra elas!”, grita alguém. Uma alma boa dá o alarme falso: “Olha a PM!”. A platéia se dispersa e as moças voltam para a pista. Vão atrás do próximo trio elétrico. Do lado de fora da corda, sempre.